

Que é Misticismo?, de William Stoddart

*Publicado em Lembrar-se num Mundo de Esquecimento,
de William Stoddart, Kalon, São José dos Campos, 2013*

Original inglês: What is Mysticism?

Tradução de Alberto V. Queiroz

**Todos os direitos reservados. É proibida a
reprodução total ou parcial sem autorização
dos detentores dos direitos autorais.**

O QUE É MISTICISMO?

por William Stoddart

Com exceção daqueles que o rejeitam ou o ignoram totalmente, as pessoas em geral têm por aceite que o misticismo reivindica referir-se à “Realidade Suprema”. A relação em questão é na maior parte considerada como sendo do tipo “experiencial”, e é usada com freqüência a frase “experiência mística”— assumindo-se que o objeto de tal experiência é, precisamente, a “Realidade Suprema”, a qual é declarada transcendente e oculta em relação à nossa percepção comum. Essa experiência mística é tida como “incomunicável” e é freqüentemente dita puramente “subjetiva”, no sentido pejorativo, particularmente quando se lança alguma dúvida sobre o alegado objeto da experiência.

Entretanto, admitir-se-á em geral que, assim como há uma “experiência mística”, há também uma “doutrina mística”. Conseqüentemente, há ao menos algo a ser comunicado (pois este é o significado de doutrina), e ao mesmo tempo algo que é “objetivo”, dado que tudo o que pode ser transmitido precisa ser objetivo, mesmo que o objetivo venha a se mostrar ilusório. O subjetivo em si não pode ser transmitido¹, mas seu objeto pode — ao menos

1. No subjetivismo moderno, o que é expressado é somente um sujeito que já é relativo, a saber o ego passional, sentimental e imaginativo; a fim de expressar-se, ele necessariamente usa elementos objetivos escolhidos arbitrariamente, enquanto separa-se arrogantemente e tolamente da realidade objetiva. O ‘puramente subjetivo’, no mundo moderno, pode apenas manifestar sua presença gritando e de modo ofegante, e esta é a definição mesma da poesia

em termos conceituais. Dizer: “Passei por uma experiência indescritível” já é uma descrição e uma comunicação. Enquanto tal, ela pode ser considerada objetivamente por terceiros e, dependendo de sua adequação, da sensibilidade do ouvinte e da realidade do objeto, ela pode mesmo fazer vibrar nele uma corda respondente. Isto significa que em circunstâncias favoráveis ela pode em maior ou menor grau estimular no ouvinte uma intuição ou “experiência” similar.

O alegado objeto tanto da “experiência mística” quanto da “doutrina mística” é a Realidade Suprema. A doutrina mística pode chamá-la de Um, Si, Puro Ser, ou outro nome, e a experiência mística é considerada como sendo a união com ela, em qualquer grau e de qualquer modo que seja. Com este fim, fala-se também de “via mística” ou “caminho místico”. Este é o processo de “unificação” com o Um, o Si, o Puro Ser — todos esses sendo nomes para a Realidade Suprema.

De tudo isso resulta claramente que o misticismo ou a experiência mística tem dois polos, a saber a doutrina mística e a via ou caminho místico. Portanto, no misticismo, assim como em outras esferas, é uma questão de doutrina e método, ou teoria e prática. Estes elementos gêmeos do misticismo serão examinados em detalhe neste ensaio. A validade e justificabilidade do misticismo, seja dito de imediato, depende da validade e justificabilidade de seu objeto. Se este for uma realidade, a experiência é válida e, da maneira descrita, capaz de ser comunicada a terceiros e neles evocada.

Como em geral ocorre, falei do misticismo de uma forma que poderia dar a impressão de ser ele uma entidade ‘avant-garde’ moderna.

independente capaz de existir em um vácuo. No entanto, esta impressão seria inteiramente falsa, visto que na prática o misticismo só surge dentro do arcabouço de uma das religiões reveladas. De fato, seria justo dizer que o misticismo constitui a dimensão interior ou espiritual de toda religião. Misticismo é esoterismo, enquanto que o arcabouço religioso exterior é o respectivo exoterismo. O exoterismo é para todos, ao passo que o correspondente esoterismo é somente para aqueles que a ele se sentem chamados. O esoterismo, diferentemente do exoterismo, não pode ser imposto. Ele é estritamente uma questão de vocação.

Já se disse que “todos os caminhos levam ao mesmo topo”. Neste símbolo, a variedade das religiões é representada pela multiplicidade dos pontos de partida ao longo da base circunferencial da montanha. Os caminhos radiais ascendentes são os caminhos místicos. A unicidade do misticismo é uma realidade somente no topo único. Os caminhos são muitos, mas seu destino é um. À medida em que se aproximam deste destino, os vários caminhos cada vez mais se assemelham, mas somente no topo é que eles realmente coincidem. Até lá, apesar de semelhanças e analogias, eles permanecem separados, e de fato cada caminho é imbuído de um perfume ou uma cor bem definidos — o misticismo islâmico é claramente diferente do misticismo cristão — mas no topo estas várias cores são (ainda falando simbolicamente) reintegradas na Luz incolor. Os misticismos islâmico e cristão são um somente em Deus.

É este ponto de “Luz incolor”, onde as diferentes religiões se encontram, que torna possível a *philosophia perennis* ou *religio perennis*. Esta é a verdade divina, supra-formal, que

é a fonte de cada religião, e que cada religião incorpora. O coração de cada exoterismo é seu esoterismo correspondente, e o coração de cada esoterismo (ou o esoterismo em estado puro) é a *religio perennis*.

Em todas as religiões, a meta do misticismo é Deus, que pode também receber atributos como o Um, o Absoluto, o Infinito, o Si, o Puro Ser². Em muitas variedades de misticismo diz-se que a meta é a Verdade, concebida como uma Realidade viva capaz de ser vivenciada. O misticismo tem, portanto, três elementos: a doutrina referente a Deus e à Realidade Suprema (doutrina mística), a unidade com Deus ou Realidade Última (experiência mística), e o movimento que leva da primeira à segunda (caminho místico). Em outras palavras: a doutrina da Unidade, a experiência da União, e o caminho de Unificação.

A doutrina mística e a metafísica ou teologia mística são uma única e mesma coisa. A experiência mística, quando num grau total ou ao menos suficiente, é a salvação ou liberação. E o propósito do caminho místico é a “realização espiritual”, isto é, a progressão do exterior ao interior, da crença à visão, ou, em termos escolásticos, da Potência ao Ato.

*

Muitas pessoas estão familiarizadas com as três modalidades fundamentais da realização espiritual proclamadas pelo Hinduísmo: *karma-mârga* (a “Via da Ação”), *bhakti-mârga* (a “Via do Amor”) e *jñâna-mârga* (a

2. Inclui-se aqui a religião não teísta do Budismo, já que aqui também a Realidade Última, referida de forma variada em diferentes contextos como *Dharma* (‘Lei’), *Âtma* (‘Self’), *Nirvâna* (‘Extinção’) ou *Boddhi* (‘Despertar’), é vista como transcendente e absoluta.

“Via do Conhecimento”). Estas correspondem aos três graus ou dimensões do Sufismo: *makhâfah* (“Temor”), *mahâbba* (“Amor”) e *marifa* (“Conhecimento” ou “Gnose”³). Estritamente falando, somente *bhakti* e *jñâna* (isto é, *mahâbba* e *ma'rifa*) constituem o misticismo: o misticismo é uma via de Amor, uma via de conhecimento, ou uma combinação de ambas. Que se recorde aqui a ocasião na vida de Cristo quando ele foi recebido na casa das irmãs Marta e Maria. O que ficou conhecido no Cristianismo como a “Via de Marta” equivale ao *karma-mârga* do Hinduísmo, a via da observância religiosa e das boas obras. A via contemplativa ou mística, por outro lado, é a “Via de Maria”, que compreende duas modalidades, a saber *bhakti-mârga* (a “Via do Amor”) e *jñâna-mârga* (a “Via do Conhecimento”). *Karma* enquanto tal é puramente exotérico, mas é importante enfatizar que há sempre um elemento kármico tanto em *bhakti* quanto em *jñâna*. Tanto a Via do Amor quanto a Via do Conhecimento contêm necessariamente um elemento de Temor ou conformidade. Do mesmo modo, a Via do Conhecimento contém invariavelmente a realidade do Amor. Quanto à Via do Amor, que é composta de fé e devoção, ela contém um elemento indireto de *jñâna* na forma da teologia dogmática e especulativa. Este elemento está na especulação intelectual em si, não em seu objeto, o qual é limitado por definição, caso contrário não se trataria de *bhakti*. A despeito da presença em cada uma das Vias de elementos das duas outras, as três Vias *karma*, *bhakti* e *jñâna* (ou *makhâfah*,

3. Esta palavra é usada de modo puramente etimológico, e não se refere à corrente dos primórdios da história do Cristianismo conhecida como ‘gnosticismo’. ‘Gnosis’, do grego, é a única tradução adequada para o sânscrito *jñ na* (com o qual é de fato cognato) e para o árabe *ma'rifa*.

mahâbha e *ma'rifa*) representam três modos de aspiração religiosa específicos e facilmente distinguíveis.

Quanto à questão de a qual destes caminhos um determinado devoto se liga, trata-se invencivelmente uma questão de temperamento e vocação. É um caso em que a Via escolhe o indivíduo, não o indivíduo a Via.

Historicamente falando, o misticismo cristão caracteriza-se principalmente pela Via do Amor, ao passo que os misticismos hindu e islâmico comportam tanto a Via do Amor quanto a Via do Conhecimento. A linguagem da Via do Amor tem ressonâncias notavelmente semelhantes em qualquer misticismo em que aflore, mas as formulações jñânicas do hinduísmo ou gnósticas do Sufismo tendem a soar estranho aos ouvidos dos que estão familiarizados apenas com a forma cristã, ou em todo caso bháktica, de espiritualidade.⁴

*

A meta da religião, em toda sua diversidade, é a salvação. Qual é então a diferença entre exoterismo e esoterismo? O exoterismo é formalista, mas a fé e a devoção podem dar-lhe profundidade. O esoterismo é profundo — supra-formal — por definição, e é o apanágio somente daqueles que possuem vocação. Neste caso as formas são transcendidas no sentido de que são vistas como expressões simbólicas da essência. Também no esoterismo a fé é essencial, mas

4. Entre aqueles que excepcionalmente manifestaram a Via do Conhecimento no Cristianismo estão incluídas grandes figuras como a de Dionísio o Aeropagita, Mestre Eckhart e Ângelo Silésio. São precisamente as obras de *jñins* como estes que tendiam a causar rusgas no clima geralmente bháktico do Cristianismo.

ela significa sinceridade e compromisso total--um esforço em direção à realização. Metafisicamente, a diferença entre exoterismo e esoterismo (entre formalismo e misticismo sapiencial) reside na maneira como se encara a Meta final: no exoterismo, Deus é encarado no nível do “Ser”(o Criador e Juiz): não importa quanto profundo ou sublime o fervor do exoterista, o Senhor e o fiel permanecem sempre distintos. No esoterismo, por outro lado, Deus é encarado no nível do “Supra-Ser”(a Essência Divina). Neste nível percebe-se que Senhor e fiel (este criado à imagem daquele) compartilham uma essência comum, e isto revela a possibilidade da União Divina suprema.

*

Fez-se referência acima aos termos “subjetivo” e “objetivo”, e alguns podem ter dificuldade para conceber a definição exata destes dois conceitos. A melhor chave para esta questão é a fornecida pelo epíteto hindú para a Divindade, *Sat-Chit-Ânanda*. Os três elementos constitutivos desta designação Divina são geralmente traduzidos por Ser (infinito), Consciência (infinita) e Beatitude (infinita). Esta tradução é precisa e permite ver que o Ser é o Objeto Divino e a Consciência é o Sujeito Divino, enquanto a Beatitude — a fusão harmônica dos dois — é a União Divina. A tradução mais “essencial” de *Sat-Chit-Ânanda* é, portanto, “Objeto-Sujeito-União”. Este é o modelo ou origem de todos os objetos e sujeitos possíveis, e do anseio destes por aqueles.⁵

Este aspecto “trinitário” da Divindade é universal, e é

5. *Sat-Chit-Ânanda* podem também ser interpretados como ‘Conhecido-Conhecedor-Conhecimento’ ou ‘Amado-Amante-Amor’.

encontrado em todas as religiões. No Cristianismo ele é o dogma central: Deus Pai, Deus Filho e Deus Espírito Santo. A analogia entre a Trindade cristã e “Ser-Consciência-Beatitude” pode ser vista a partir das exposições doutrinais da patrística grega e também na designação da Trindade cristã por Santo Agostinho como “Ser-Sabedoria-Vida”. No Islã, apesar de ele ser sobretudo a religião do monoteísmo estrito, algumas formulações sufis evocam exatamente o mesmo aspecto trinitário da Divindade. Mais tarde falar-se-á sobre “realização espiritual”, mas no sufismo esta é essencialmente a invocação (*dhikr*) do Nome de Deus. Neste sentido, diz-se que Deus é não somente Aquilo que é invocado (*Madhkûr*), mas também, em última análise, Aquilo dentro de nós que invoca (*Dhâkir*) e, mais ainda, que o próprio *Dhikr*, enquanto Atividade interna de Deus⁶, é também Divino. Temos portanto o ternário *Madhkûr-Dhâkir-Dhikr*, “Invocado-Invocador-Invocação”, a relação entre estes três elementos sendo precisamente a de “Objeto-Sujeito-União”. Esta é a essência mesma da teoria e da prática do misticismo, pois esta “União” *in divinis* é a prefiguração e modelo da união do homem com Deus. As doutrinas hindu, cristã e sufi coincidem na elucidação de por que isso é assim.

*

Uma das características mais importantes da doutrina mística que deriva de várias das grandes religiões — explícita, por exemplo, nos tratados de grandes místicos jñânicos ou gnósticos como Shankara, Eckhart e Ibn ‘Arabî — é a distinção feita, em Deus mesmo, entre Deus

6. Que este Ato Divino passe pelo homem é o mistério da salvação.

e Divindade, ou entre “Ser” e “Essência”⁷. Na doutrina religiosa comum, a distinção fundamental é entre Deus e o homem, ou entre o Incriado e o criado. A doutrina mística ou esotérica, por outro lado, faz uma distinção em cada uma dessas categorias. Assim, no Incriado já existe há uma prefiguração da criação, que é Deus enquanto Ser — em contraposição à essência Divina ou Divindade, que é “Supra-Ser”. Deus enquanto “Ser” é o criador imediato do mundo. Com relação à criação — em si relativa —, há nela um reflexo do Incriado (o Absoluto) na forma de Verdade e Virtude, Símbolo e Sacramento. Mais uma vez a doutrina mística torna explícita a realidade da união mística, pois é unindo-se com o Sacramento criado (por exemplo, na Eucaristia ou na Invocação de um Nome Divino) que o místico realiza a sua união com, ou reintegração na, Divindade incriada. Esta exposição é tirada dos escritos de Frithjof Schuon⁸, que explicou como o Ser (a prefiguração do relativo no Absoluto) é o Logos incriado, ao passo que a reflexão do Absoluto no relativo (o Profeta, o Redentor, o *Tathâgata*, o *Avatâra*) é o logos criado. Sem esta ponte (o Logos com seus aspectos criado e incriado), nenhum contato entre o criado e o Incriado, entre o homem e Deus, seria possível. O abismo entre os dois seria intransponível. Isto seria “dualismo”, não Não-Dualidade (ou *Advaita*, usando o termo da metafísica de Shankara), e inteiramente oposto ao misticismo. Em cada religião, o Fundador é a personificação do Logos, e seu papel enquanto tal é

7. A mesma distinção é também feita por São Gregório Palamas em sua doutrina da Essência Divina e das Energias Divinas.

8. Veja especialmente *O Esoterismo como Princípio e como Caminho*, Ed.Pensamento (São Paulo, 1978).

sempre explicitado. Cristo disse: “Aquele que me viu, viu a Deus”. E nas palavras do Buda: “Aquele que vê o *Dharma* me vê; aquele que me vê, vê o *Dharma*”.⁹ A união mística é realizada apenas por intermédio do Logos.

*

Como vimos, o misticismo inclui tanto a doutrina mística quanto a experiência mística. A experiência mística é a “realização” interior e unitiva da doutrina. Este campo é o do método espiritual. No hinduísmo, o método espiritual é representado pelo *Yoga* — não os exercícios físicos derivados do *hatha-yoga* hoje amplamente praticados no Ocidente, mas *raja-yoga*, a arte “régia” de união. Se no hinduísmo o *veda* (conhecimento) é a *scientia sacra*, então o *yoga* (união) é a *ars sacra* ou *operatio sacra* correspondente. Neste sentido foi dito na idade média: *ars sine scientia nihil*: não se pode praticar racionalmente um método espiritual a não ser com base numa doutrina espiritual previamente compreendida que é tanto a motivação quanto o paradigma do trabalho espiritual a ser empreendido. Se doutrina sem método é esterilidade, método sem doutrina é perdição. Isto deixa claro por que a doutrina precisa ser “ortodoxa” — isto é, em conformidade sutil com a verdade divina. Uma pseudo-doutrina, tendo como origem apenas invenções humanas arbitrárias, é a mais poderosa de todas as causas de perdição.

Estes pontos devem ser enfatizados, porque nos dias de hoje muitos daqueles que sentem-se atraídos pelo misticismo anseiam por “experiências” a todo custo — sem

9. *Samyutta Nikâya* iii. 120. Aqui o Buddha identifica-Se com a Lei Eterna (*Dharma*).

se preocuparem em se perguntar: experiência de quê, e sem as salvaguardas seja da conformidade à disciplina de uma tradição religiosa, seja da permissão e da direção de uma autoridade espiritual. É precisamente esta separação ilegítima do método da doutrina que pode ser prejudicial. Quanto mais real e eficaz um método espiritual, tanto maior o perigo para quem dele se apropria ilegitimamente. Há muitos registros de casos de danos psicológicos e espirituais resultantes de um uso não-autorizado (ou seja, de uma profanação) de ritos e sacramentos religiosos.

No passado, era a falta inversa que era mais comum: saber a verdade, mas — por fraqueza, paixão ou malícia — deixar de colocá-la em prática; em outras palavras, a hipocrisia, não a heresia — a “falsa sinceridade” — dos tempos modernos. Quão característico de nossa era o estar de ponta cabeça, neste caso como em outros! A nova falta é infinitamente mais profunda que a anterior. Esquece-se que toda “busca” tem inevitavelmente um objeto e que, quer se queira, quer não, o objeto de um método místico ou espiritual é a Realidade Suprema ou Deus. Não se pode brincar com o objeto impunemente.

O *yoga* é união com Deus (ou com o Princípio Divino) por meio da concentração nele, e uma forma particularmente bem conhecida é o *japa-yoga*, que compreende a invocação continuada de um *mantra* (um Nome Divino ou uma fórmula contendo um Nome Divino). *Mutatis mutandis*, este método espiritual desempenha um papel central em todos os misticismos. No Budismo *Mahâyâna*, por exemplo, ele aparece sob a forma do *Mani* tibetano e do *Nembutsu* japonês. No Islã, nada é mais recomendado ao aspirante espiritual do que *dhikr Allâh*, a “recordação de Deus” por meio

da invocação de Seu Nome. No hesicasmo (o misticismo do Cristianismo oriental), a invocação do Nome Divino toma a forma da “Prece de Jesus”, uma prática vividamente descrita n’*O Peregrino Russo*. O método análogo no cristianismo ocidental é o culto do Santo Nome. Este floresceu na Idade Média, e foi pregado com pungência e determinação no século XV por S. Bernardino de Siena: “Tudo o que Deus criou para a salvação do mundo está oculto no Nome de Jesus”. A prática foi revificada na forma da invocação *Iesu-Maria*, nas revelações feitas na primeira metade deste século a Irmã Consolata, uma freira capuchinha italiana.

Este método de concentração em um Nome Divino indica claramente que misticismo é exatamente o oposto do dar liberdade total à subjetividade não-regenerada do homem. De fato, ele é a exposição dessa subjetividade não-regenerada à influência normativa e transformante do Objeto revelado, o Sacramento ou Símbolo da religião em questão. Foi neste sentido que São Paulo pôde dizer: “Não eu, mas o Cristo em mim”. Ao mesmo tempo, e mesmo mais esotericamente, o misticismo é a exposição de nosso egoísmo mesquinho, visto por sua vez como um “objeto”, à influência aniquiladora e no entanto vivificante do Sujeito divino, do Si imanente¹⁰. Esta possibilidade é vista no Islã no *hadith qudsi*: “Eu (Deus) sou a audição pela qual ele (o escravo) ouve”¹¹. O veículo de

10. Esta síntese do aspecto dual da realização ou método foi tirada dos escritos de Frithjof Schuon. Ver especialmente *L’Oeil du Coeur*, Dervy-Livres (Paris, 1976), capítulo ‘Microcosme et Symbole’.

11. Uma idéia similar é encontrada nas palavras de Santa Tereza d’Ávila: ‘Cristo não tem na terra corpo senão o seu, mãos senão as suas, pés senão os seus; seus são os olhos com os quais a compaixão de Cristo olha para o mundo; seus são os pés com os quais ele segue fazendo o bem, e suas são as mãos com as quais ele pode nos abençoar agora.’

ambos os processos é a invocação de um Nome Divino (que é tanto Sujeito quanto Objeto) num arcabouço estritamente tradicional e ortodoxo, e com a autorização e supervisão de um mestre espiritual autêntico. Nesse campo, não há lugar para curiosidade e experimentos.

*

Nos misticismos de várias religiões, a busca de Deus pela alma é simbolizada em termos do mútuo desejo ardente entre amante e amada. São João da Cruz, por exemplo, usa este simbolismo em sua poesia mística, da qual são tirados os seguintes versos:

*;Oh noche, que guiaste
Oh noche amable mas que el alborada:
Oh noche que juntaste
Amado con amada
Amada en el Amado transformada!*

*

*Descubre tu presencia,
Y mátame tu vista y hermosura;
Mira que la dolencia
De amor, que no se cura
Sino con la presencia y la figura.*

Como homem do século XVI, São João da Cruz buscou transmitir mais suas experiências “subjetivas” que uma doutrina objetiva, como os místicos de alguns séculos antes

haviam feito. E, no entanto, ele nunca se afastou do Objeto Divino de todo esforço místico. No nível prático, instruindo aspirantes, ele disse, por exemplo: “Toda qualidade é um empréstimo de Deus”. A subjetividade da alma é incerta; somente a realidade objetiva, que origina-se além dela, é absolutamente certa.

*

O misticismo foi definido acima como a dimensão interior ou espiritual contida em todas as religiões — cada religião sendo entendida como uma Revelação Divina separada e específica. A religião compreende uma “periferia” e um “centro”; em outras palavras, um exoterismo e um esoterismo. O exoterismo é a expressão ou veículo providencial do esoterismo interno a ele, e o esoterismo é a essência supra-formal do exoterismo correspondente. É por isso que o misticismo ou esoterismo — erroneamente visto por alguns como não-ortodoxo — não pode de forma alguma subverter o formalismo religioso do qual ele é a seiva.

Por outro lado, a essência transcende a forma de tal maneira que por vezes inevitavelmente a “quebra”. Conflitos ocorreram entre o misticismo mais puro e a respectiva autoridade exotérica; os casos de Mestre Eckhart no Cristianismo medieval e de al-Hallaj no Islã — resultando um em condenação e o outro em martírio — são exemplos notáveis. Contudo, Eckhart enunciou este romper da forma de maneira positiva ao dizer: “Se quiseres chegar ao âmago, deves romper a casca”. Não é necessário acrescentar que tal “transcendência” com relação às formas é o antípoda mesmo da heresia intrínseca, que não é nada mais que uma violação

grosseira da estrutura formal (revelada) das religiões. As formas podem ser transcendidas somente “a partir do alto” (ou “de dentro”). Negligenciar as formas “desde baixo” (ou “desde fora”) é o oposto mesmo de transcendê-las. Exteriormente o homem precisa observar as formas tradicionais tão perfeitamente quanto possível. O homem pode oferecer a Deus — e assim transcender — apenas aquilo em que atingiu a perfeição.

O misticismo é a realidade do amor do homem por Deus e da união do homem com Deus. É um hino à Subjetividade, um hino à Objetividade e um hino à Felicidade ou União — estas três Hipóstases Divinas sendo uma. Foi enfatizado como o misticismo, ao contrário de certas aparências e de opiniões comumente ouvidas, é sempre um florescimento dentro de um arcabouço ortodoxo. Mas como o misticismo transcende as formas “desde cima” (ou “desde dentro”), ele não conhece fronteiras. Sua essência é uma com o Absoluto e o Infinito. Concedamos então a última palavra a Jalal-ad-Din Rumi, um dos maiores místicos do Islã e um dos maiores poetas místicos de todos os tempos:

Não sou nem cristão, nem judeu, nem parse, nem muçulmano. Não sou nem do Oriente nem do Ocidente, nem da terra nem do mar... Deixei de lado a dualidade e vi que os dois mundos são um. Busco o Um, conheço o Um, vejo o Um, invoco o Um. Ele é o Primeiro, Ele é o Último, Ele é o Exterior, Ele é o Interior.